

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO MECANISMO DE ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL

PEREIRA, Kárita Alves de¹; LOPES, Fernanda Silva²; LIMA, Michelle Castro³, AZEVEDO, Sabrina David de;

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano ó Campus Morrinhos óGO e-mail do autor:karitalves@outlook.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano ó Campus Morrinhos óGO e-mail: nandalopes43@yahoo.com.br

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano ó Campus Morrinhos óGO e-mail: michelle.lima@ifgoiano.edu.br

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano- Campus Morrinhos- GO e-mail: sabrinaazevedo60@hotmail.com

RESUMO

Poucas crianças têm o hábito de ler, pois a maioria não tem o incentivo em casa ou só tem acesso à literatura quando este chega à escola. Diante dessa realidade o presente artigo tem como foco despertar nas crianças, através da prática da contação de histórias, o gosto pela leitura e o interesse pela cultura e história regional e local, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, além de mostrar que o professor é uma ferramenta essencial para este processo. A escolha pelos contos e histórias regionais nasceu pela oportunidade de divulgar em sala de aula os inúmeros contos e histórias que circundam o universo mágico e literário do Estado de Goiás. Pensamos em dois livros que podem despertar o imaginário infantil, como a construção de uma identidade, já que retratam a cultura regional. O primeiro é de Diane Valdez, *O que teria na trouxa de Mariaõ* (2010). O segundo é de Eduardo Henrique de Souza Filho *õCanteiro de Saudadesõ* (1987). Acreditamos que é importante despertar nos alunos, ainda nos anos iniciais a valorização não apenas de sua história, mas também da cultura regional na qual se inserem. Ajudando assim na escrita, na alfabetização e na ortografia.

Palavras-chave: **Contação de História. História Regional e Local. Ensino-aprendizagem.**

1 Introdução

Poucas crianças têm o hábito de ler em nosso país. Já que, a maioria não tem o incentivo em casa ou só tem o primeiro acesso a leitura e contato com a literatura quando este chega à escola. Diante dessa realidade a presente proposta de artigo tem como objetivo despertar nas crianças, através da prática educativa da contação de histórias, o gosto pela leitura e o interesse pela cultura e história regional e local.

Partimos do pressuposto de que o desenvolvimento dessa prática, em sala de aula, no ensino fundamental, através da figura central do professor pode desenvolver nos alunos das séries iniciais o gosto pela leitura, uma vez que esses estarão desde o início de sua

alfabetização tendo contato com diferentes contos e histórias, podendo, assim, contribuir para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, pois, como Abramovich diz: *“Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz”* (ABRAMOVICH, 2003, p. 18).

A escolha pelos contos e histórias locais e regionais nasceu, num primeiro momento, pela oportunidade de divulgar em sala de aula os inúmeros contos e histórias que circundam o universo mágico e literário produzidas por autores do Estado de Goiás, e, ainda, por ter a entender que muitos desses contos e histórias não estão disponíveis ao acesso de professores e alunos das séries iniciais.

Cabe ressaltar que as histórias literárias, das suas mais diferentes formas, despertam nas crianças o imaginário infantil, levando-os a situações desafiadoras, tendo, também o incentivo a um fortalecimento de vínculos sociais, educativos e afetivos.

Entre as formas literárias mais importantes, vindas dos tempos remotos, e que se transformaram em Literatura Infantil estão as narrativas de acontecimentos ou aventuras que se passam no mundo mágico ou maravilhoso, espaço fora da realidade comum em que vivemos, e os fenômenos não obedecem as leis naturais que nos regem. (COELHO, 1993, p.153).

Os autores de tais histórias, em muitos casos, fazem uso dos fatos reais como fonte de inspiração para sua escrita. Diante disso, esses contos podem servir também, no espaço escolar, como mecanismo de divulgação e conhecimento da história e memória regional e local, as quais se inserem no universo dos alunos.

Para esse fim, a figura do professor se estabelece como componente central quando visto como ferramenta para o processo de desenvolvimento e de ensino-aprendizagem dos alunos, despertando nesses o gosto pela leitura e estimulando sua entrada no mundo imaginário. Assim, tanto a seleção do material literário, quanto à leitura e estímulo dos alunos fica a cargo do professor, o qual pode desenvolver uma metodologia de ensino e de leitura a partir da vivência e prévio conhecimento que os alunos possam ter sobre as histórias que já ouviram sobre sua cidade ou Estado.

É relevante que os alunos desde as séries iniciais tenham contato com histórias que fazem parte da sua terra, ou seja, de fatos e eventos que em diversos casos fazem parte da história de vida de seus familiares, se reconhecendo assim, numa história maior, para que a sua identidade e regionalidade seja preservada. A partir dessa necessidade, pensamos em dois

livros que tem como enfoque a história de Goiás, e que trazem contos de personagens que se inserem no imaginário da história goiana. Entendemos que esses livros podem despertar o imaginário infantil dos alunos, como também, o reconhecimento ou construção de uma identidade, já que os livros se tratam de personagens que viveram na cidade de Goiás-GO e retratam a cultura regional.

O primeiro livro é de Diane Valdez, *O que teria na trouxa de Mariaõ* (2010). A personagem principal desta obra é uma senhora goiana conhecida como Maria Grampinho, que dormia no porão da casa de Cora Coralina, poetisa e contista brasileira, considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras que viveu grande parte de sua vida da Cidade de Goiás-GO.

Maria Grampinho perambulava-se pelas ruas e pelos becos da cidade de Goiás, com seus muitos grampos no cabelo e vários botões pregados nas saias, e com uma enorme trouxa de roupas e tecidos na cabeça. Essa figura emblemática se destacava entre os vários populares da cidade, e que hoje se insere como personagem de inúmeras histórias e contos que fazem parte do imaginário goiano. É difícil encontrar um morador da cidade de Goiás que não saiba contar algo sobre as histórias que circundam a *õMaria grampinhoö*. Com o decorrer dos anos, sua imagem se popularizou, hoje é referência, não apenas da história local, como também, materializaram sua figura em objetos vendidos como *õlembrançasö* da cidade.

Valdez toma como foco esta personagem e produz no livro *õO que teria na trouxa de Mariaõ*. Sua narrativa caminha por uma história calcada em lendas regionais, de alusões às ruas cobertas de pedras, às festas tradicionais, aos costumes que existiam e que ainda existem na primeira capital do Estado de Goiás.

Como fonte de análise em sala de aula, é possível que os professores, a partir da leitura desse conto, despertarem no aluno o conhecimento sobre a História de Goiás, trazendo para o debate as experiências dos alunos acerca, por exemplo, das festas e comemorações que ainda fazem parte do cotidiano goiano, bem como os costumes inseridos em muitas famílias. Destarte, esse material a partir do lúdico e do imaginário de uma figura exemplar, a Maria Grampinho, pode se tornar mecanismo de aproximação entre a vivência dos alunos a um ensino-aprendizagem acerca do ensino de História.

O segundo livro é de Eduardo Henrique de Souza Filho *õCanteiro de Saudadesö* (1987). O autor ao desenvolver sua narrativa aborda um trecho sobre os descendentes diretos de escravos. Em especial, ele destaca uma mulher muito bonita conhecida popularmente como Maria Macaca. Contudo, seu nome verdadeiro era Maria do Rosário Gonçalves, também moradora da Cidade de Goiás-GO, nas primeiras décadas do século 20.

Maria Macaca tirava seu sustento com a função de carregar água dos chafarizes para as famílias mais abastadas da cidade. Destacava-se porque sempre exerceu sua função com bom humor: cantava e contava várias histórias por onde passava. De acordo com a tradição local, através de suas histórias, muitas criadas e personificadas pela própria Maria Macaca, forma introduzidas no primeiro jornal da Cidade de Goiás.

É interessante ressaltarmos que o uso da História Local, não apenas como tema de estudo, mas também como mecanismo de ensino-aprendizagem, requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional, uma vez que esse se propõe de forma mais particular trabalhar com as memórias e histórias mais próximas ao cotidiano dos sujeitos, pois muitos se identificam com o conhecimento previamente analisado. De acordo com Samuel (1990), a história local é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (SAMUEL, 1990, p. 220).

Desta forma, nosso objetivo é despertar o interesse pela leitura, o hábito de ler, a produção de texto além de desenvolver a linguagem oral. Resgatando assim a valorização da sua cultura regional.

2 Metodologia

O domínio da linguagem oral e escrita é de fundamental importância para o desenvolvimento social, a partir desse contexto para a aula de contação de histórias escolhemos livros de fácil entendimento e com muitas informações relacionadas a regionalidade.

Utilizaremos o livro da Maria Grampinho e para que a aula se torne mais atraente para os alunos usaremos fantoche da personagem Maria Grampinho, em seguida as crianças, farão desenhos e novas histórias para a personagem.

“Maria assistiu à mudança da capital. Não opinou, nem ficou chateada como muitos ficaram. Só estranhou o movimento e as reclamações do povo da cidade, que não aceitava a nova capital.” (Valdez, 2010,p.21). Com esse trecho do livro da para trabalhar a história de Goiás e a mudança da capital para Goiânia e por que essa mudança foi feita.

Posteriormente utilizaremos um trecho do livro Canteiro da Saudade, onde fala sobre a personagem Maria Macaca. A partir da contação da história sobre Maria Macaca as crianças se dividirão em grupos e terão um espaço aberto para que usem a sua imaginação e montarem um jornal na sala de aula com histórias baseadas nessa personagem. Para finalizarmos a aula

as crianças, entrevistarão seus pais e avós sobre algum personagem da sua infância que chamava sua atenção. Depois poderão escrever sobre ela para que possa ser montado um mural para exposição na escola.

3 Resultados e discussões

Como profissionais da educação, acreditamos que é de suma importância despertar nos alunos, ainda nos anos iniciais a valorização não apenas de sua história, mas também da cultura regional na qual se inserem. A sociedade está se tornando muito tecnicista e, por isso, devemos resgatar o ato de contar e ouvir história, para despertar na criança o amor pela leitura e pela história, com isso criar cidadãos críticos e pensantes.

Segundo Abramovich (2003):

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc... sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 2003, p. 40).

Se até certo tempo atrás a contação de histórias nas escolas era vista como uma forma de distrair as crianças, hoje acreditamos que ela pode ser tomada como mecanismo propício para despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento. Assim, a contação de história é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, além de ser uma possibilidade da criança descobrir o mundo ao seu redor. A leitura também desenvolve e desperta o senso crítico.

Segundo Cademartori (1986, p.73), é através da história que a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim com a sua conjugação com o imaginário e o real. Quando se identifica com as histórias ou com os contos de fadas a criança quer ouvi-la várias vezes por se identificar com a personagem ou com algo semelhante ao que vivem naquele momento, sendo este um dos motivos para trabalhar em sala de aula histórias que abordam temas do cotidiano como morte, laços familiares desfeitos e outros conflitos que podem fazer parte da realidade social dos alunos.

A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas,

já que o principal suporte para o aprendizado na escola é a leitura e a escrita. Ler também é importante porque ajuda na ortografia.

O projeto está em andamento e o que conseguimos observar é o interesse dos alunos pelas histórias locais. Eles participam ativamente das atividades propostas.

4 Considerações Finais

Estamos vivendo em um mundo cada vez mais tecnológico, com isso os livros estão sendo deixado de lado. Preocupadas com essa realidade, decidimos elaborar atividades de contação de história, que podem levar as crianças a desenvolver seu imaginário e ampliará significativamente a leitura dessas crianças. Além disso, esse projeto desenvolve o pensamento cultural e trabalha a história regional. Buscamos por meio da literatura formar crianças que se tornarão adultos responsáveis e críticos para transformar a sua realidade.

5 Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 4.ed. São Paulo.: Brasiliense, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. Pp.219-242.V.9,nº19,set.1989/fev.1990.

SOUZA FILHO, Eduardo Henrique de. **Canteiro de Saudades: Evocações e memórias**. Goiânia: Poligráfica, 1987.

VALDEZ, Diane, **O que teria na trouxa de Maria?; ilustrações Alda Miriam Ribeiro**. Goiânia, Cãnone, 2010.